

---

## A morte medicamente assistida

No dia 20 de Fevereiro de 2020 vão-se debater na Assembleia da República os projectos de lei do Bloco de Esquerda, do PS, do PAN e do PEV sobre a despenalização da morte medicamente assistida. Não foi há muito tempo que a mesma Assembleia da República rejeitou essa despenalização. Como aconteceu noutras situações, em Portugal e noutros países, os debates e as votações repetem-se até que o resultado que alguém pretende seja obtido.

Há muito que me interesse por este assunto e tenho-o estudado na perspectiva dos médicos portugueses, sobre este tema e outros relacionados com o fim da vida. Há vários anos fiz um estudo limitado aos médicos inscritos na Sociedade Portuguesa de Oncologia e, no ano passado fiz outro estudo dirigido a todos os médicos portugueses. Este estudo foi proposto à Ordem dos Médicos, que aceitou, mas só foi operacionalizado na região Norte. Devo dizer que o primeiro estudo tinha sido também proposto à Ordem, mais do que uma vez, e foi recusado, razão pela qual se limitou aos oncologistas, por não haver recursos para o fazer num âmbito mais alargado.

Infelizmente a percentagem de respostas foi pequena, apesar dos esforços feitos para incentivar os médicos a responder, embora o número de respostas não tenha sido pequeno – 1148. Neste estudo verificou-se que uma minoria de médicos praticaria eutanásia se esta fosse legalizada, mas cerca de 50% são favoráveis à sua legalização. Interpreto estas respostas como o reconhecimento de um direito por cerca de metade dos médicos, embora uma menor percentagem esteja disposta a participar nesse processo.

Há um aspecto deste estudo que me parece particularmente interessante. Para além dos médicos mais ligados à religião que são, como seria de esperar, mais frequentemente contra as práticas da morte assistida, como a eutanásia e o suicídio assistido, os médicos que têm maior contacto com doentes em fim de vida são mais frequentemente desfavoráveis a essas práticas do que os que têm menor ou nenhum contacto. Assim, os médicos que vêem mais de 30 doentes em fim de vida por ano

são menos favoráveis à morte assistida do que os que vêem menos e os médicos com especialidades clínicas, os que vêem doentes, são também menos favoráveis do que os que têm especialidades não clínicas, como os de especialidades laboratoriais. Portanto, quem está mais afastado da realidade dos doentes em fim de vida é mais favorável à prática da morte assistida do que quem está mais próximo e vive mais de perto a situação destes doentes. Ninguém está mais próximo desta realidade do que os médicos que trabalham em cuidados paliativos que, com muito raras exceções, são contra estas práticas.

Parece, então, que quanto mais afastadas as pessoas estão da realidade mais favoráveis são à prática da morte assistida. O que é mais preocupante não é a questão da opinião dos médicos. O mais preocupante é a opinião de outros, sobretudo a dos decisores políticos, os quais na maioria dos casos não tem noção do que se passa com os doentes em fim de vida e, estando afastados poderão, por analogia com o que se passa com os médicos, ter maior propensão para serem favoráveis à morte assistida.

A maioria dos estudos sobre a morte assistida foram feitos na população geral ou em grupos profissionais. Não negando a importância desses estudos, seriam mais importantes se fossem feitos em doentes que encaram uma doença ameaçadora da vida.

Portanto, pode na verdade estar-se, de certo modo, a meter a foice em seara alheia. Claro que se pode dizer que temos todos grande probabilidade de irmos a passar por situações de doença causadora de sofrimento e que, portanto, este é um assunto que diz respeito a todos. Mas uma coisa é estar-se numa situação e outra é imaginarmo-nos nessa situação. É natural que as perspectivas nas duas situações sejam diferentes

Seria melhor, a meu ver, aproveitar-se a ocasião para discutir a situação dos doentes em fim de vida e das suas famílias e as respostas que poderiam ser dadas, para minimizar o sofrimento que muitas vezes acompanha essa fase da vida, de uma forma mais positiva.